

AMÓS OZ

Cenas da vida na aldeia

Tradução do hebraico e notas

Paulo Geiger



Copyright © 2009 by Amós Oz

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Tmunot mechaiei hakfar
Scenes from village life

Capa

warrakloureiro

Foto de capa

?

Preparação

Valéria Franco Jacintho

Revisão

Andressa Bezerra da Silva
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oz, Amós

Cenas da vida na aldeia / Amós Oz ; tradução do hebraico e
notas Paulo Geiger. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original : Tmunot mechaiei hakfar

ISBN 978-85-359-1541-9

1. Romance israelense (hebraico) 1. Geiger, Paulo. II.
Título

09-08899

CDD-892.43

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance : Literatura israelense em hebraico 892.43

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

- Os que herdam, 7
- Os que são próximos, 23
- Os que cavam, 43
- Os que se perdem, 88
- Os que esperam, 113
- Os que são estranhos, 133
- Os que cantam, 156
- Longe dali, em outro tempo, 176

Os que herdam

1.

O estranho não lhe era estranho. Alguma coisa em sua aparência repeliu e ao mesmo tempo atraiu Arie Tselnik desde o primeiro olhar, se é que aquele era o primeiro olhar: Arie Tselnik tinha quase a impressão de que se lembrava daquele rosto e dos compridos braços que chegavam aos joelhos, uma lembrança obscura, como se fosse de uma vida anterior.

O homem estacionou seu carro bem em frente ao portão do pátio, um automóvel empoeirado, de cor bege. E no vidro traseiro, assim como nos vidros laterais, havia um mosaico de adesivos coloridos, toda sorte de exclamações, declarações, alertas e lemas. Ele trancou a porta do carro, mas deteve-se para examinar diligentemente uma porta após outra, verificando se estavam todas bem trancadas. Depois deu uma leve palmada no capô, e logo outra, como se o carro fosse um velho e fiel cavalo que ele prendia à estaca da cerca, sinalizando-lhe com carinhosos tapinhas que a espera não seria longa. Depois disso abriu o portão e

dirigiu-se à varanda da frente, sombreada por um caramanchão de videiras. Seu andar parecia saltitante e um pouco dolorido, como se pisasse descalço em areia quente.

De seu lugar, na cadeira de balanço suspensa no canto da varanda, vendo sem ser visto, Arie Tselnik observava o visitante desde que ele estacionara o carro. Mas, por mais que se esforçasse, não conseguia lembrar quem era esse estranho-não-tão-estranho. Onde o encontrara, quando o encontrara? Em uma de suas viagens ao exterior? Nos exercícios militares de reservistas? No escritório? Na universidade? Ou talvez ainda nos tempos de escola? A fisionomia do estranho tinha uma expressão matreira e radiante, como se tivesse conseguido dar um grande golpe e agora se alegrasse com a desgraça alheia. Por trás daquele rosto estranho, ou por baixo dele, delineava-se o esboço impreciso de um rosto conhecido, incomodativo, um rosto inquietante: o rosto de quem já lhe fizera mal alguma vez? Ou, pelo contrário, de alguém a quem você já tivesse feito um mal agora esquecido?

Como um sonho do qual nove décimos tivessem submerso e só um pequeno pedaço ainda fosse visível.

Arie Tselnik decidiu então não se levantar do lugar para ir ao seu encontro, mas recebê-lo ali, na cadeira suspensa, na varanda à entrada da casa.

O estranho avançou em seu andar saltitante pelo caminho sinuoso que levava do portão aos degraus da varanda, seus olhos pequenos a se moverem sem parar da direita para a esquerda, como que preocupado em não se revelar prematuramente ou, ao contrário, como se temesse que um cão feroz pudesse a qualquer momento se lançar sobre ele dos arbustos da buganvíria espinhosa que cresciam nos dois lados do caminho.

O cabelo amarelado já se tornando ralo, o pescoço vermelho cuja pele enrugada e pelancuda lembrava o papo de um peru, os olhos aguados e baços que se agitavam como dedos tateantes,

os compridos braços de chimpanzé — tudo nele despertava uma turva sensação depressiva.

De seu oculto ponto de observação na cadeira suspensa, à sombra dos galhos da videira trepadeira, Arie Tselnik percebeu que o homem era corpulento, mas que fraquejava um pouco, como que só recentemente restabelecido de doença grave, ou como se até pouco tempo atrás fosse gordo e só ultimamente tivesse se encolhido para dentro, se contraído dentro da própria pele. Até o paletó de verão que vestia, com seus bolsos estufados e sua cor bege escura, parecia largo demais, descuidadamente pendurado em seus ombros.

Embora fosse fim de verão e o caminho estivesse seco, o estranho se deteve para esfregar bem as solas dos sapatos no capacho ao pé dos degraus. Quando acabou, levantou um pé após outro e verificou se elas estavam limpas. Satisfeito, subiu os degraus e examinou a porta de tela no alto, e, só depois de bater educadamente algumas vezes sem obter resposta, desviou finalmente o olhar e descobriu o dono da casa em seu repouso, numa cadeira de balanço suspensa cercada de grandes vasos de samambaias, sob o arco da parreira que o cobria — e a toda a varanda — de sombra.

O estranho abriu imediatamente um largo sorriso e quase fez também uma reverência, pigarreou e limpou a garganta antes de começar com uma declaração: “É lindo este lugar de vocês, senhor Tselkin! Espantoso! É a verdadeira Provence do Estado de Israel. Qual Provence! Toscana! E essa sua paisagem! O bosque! Os vinhedos! Tel Ilan é simplesmente a aldeia mais encantadora de todo este Estado tão levantino. Muito bonito! Bom dia, senhor Tselkin. Desculpe, espero não estar incomodando, o senhor tem um minuto?”.

Arie Tselnik respondeu com um bom-dia seco, e o corrigiu dizendo que seu nome era Tselnik, e não Tselkin. E frisou que

sentia muito, mas que aqui não costumamos comprar seja o que for de vendedores.

“Tem toda razão! Está absolutamente certo!”, bradou o homem enquanto enxugava com a manga o suor da testa, “como podemos saber se estamos diante de um vendedor ou de um vigarista? Ou, Deus nos livre, até mesmo de um criminoso que veio reconhecer o terreno para um bando de assaltantes de residências? Mas eu, senhor Tselnik, na verdade não sou um vendedor. Sou Maftsir!”

“O quê?”

“Maftsir. Wolf Maftsir, advogado Maftsir, do escritório de advocacia Lotem-Prodjinin. Muito prazer, senhor Tselnik. Vim aqui, meu senhor, tratar de um assunto, como direi... ou talvez seja melhor não tentar definir o assunto e ir direto a ele. Com licença, posso sentar? Será um esclarecimento mais ou menos pessoal, não me refiro a mim, absolutamente, para meus assuntos pessoais eu de maneira alguma ousaria invadir assim e incomodar sem avisar antes, e de fato tentamos, realmente tentamos, algumas vezes, mas seu telefone é bloqueado e o senhor não se deu ao trabalho de responder a nossas cartas. Por isso decidimos tentar a sorte fazendo uma visita sem avisar, e pedimos muitas desculpas pelo incômodo. Decididamente não é nosso hábito invadir a privacidade do próximo, ainda mais quando esse próximo mora no lugar mais bonito de todo o país. Seja como for, como eu já disse, não se trata só de uma questão pessoal nossa. Não, não, de forma alguma, não. Na verdade, é exatamente o contrário: trata-se de... como formular isso com cuidado?... digamos assim, trata-se de um assunto pessoal seu, meu senhor. Assunto pessoal seu, e não somente nosso. Ou melhor, que diz respeito a sua família. Ou talvez à família de um modo geral, e de modo especial a um parente seu, senhor Tselkin, a determinado parente. O senhor não se opõe a que sentemos e conver-

semos alguns minutos? Prometo me empenhar ao máximo para que toda a questão não tome mais do que dez minutos. Apesar de que, de fato, isso depende só do senhor, senhor Tselkin.”

Arie Tselnik disse:

“Tselnik.”

E depois disse:

“Sente.”

E logo acrescentou:

“Não aqui. Aqui.”

Porque o homem gordo, ou ex-gordo, aterrissara primeiro na cadeira de balanço, que era para dois, bem ao lado do anfitrião, coxa com coxa, uma nuvem de cheiros espessos a cercar seu corpo como uma comitiva, cheiros de digestão, meias, talco e axilas. Sobre todos esses cheiros recendia numa fina rede o penetrante aroma de loção de barba. Arie Tselnik lembrou-se de repente de seu pai, que também sempre encobria seus cheiros de corpo com o forte perfume da loção de barba.

No momento em que lhe disseram “não aqui e aqui”, o visitante se levantou e oscilou um pouco, seus braços simiescos apoiando-se nos joelhos, e desculpou-se e mudou de lugar e arriou seu traseiro — em calças largas demais para ele — no lugar que lhe haviam indicado, sobre o banco de madeira do outro lado da mesa do jardim. Era uma mesa rústica, feita de tábuas de madeira só meio aplainadas, parecidas com os dormentes de uma ferrovia. Para Arie era importante que sua mãe doente, ao olhar pela janela, em hipótese alguma visse esse visitante, mesmo pelas costas, mesmo apenas seu vulto sobre o fundo do caramanchão de videiras. Por isso ele o fez sentar num lugar não visível da janela. E a surdez dela a defenderia daquela voz cheia, voz de cantor de sinagoga.

Há três anos Naama, mulher de Arie Tselnik, viajara para visitar sua grande amiga Thelma Grant em San Diego, e não voltara. Ela não lhe escreveu dizendo explicitamente que decidira abandoná-lo, mas fez uma insinuação delicada: Por enquanto, não volto. Depois de mais meio ano escreveu, Ainda fico com Thelma. E ainda depois, Não é necessário que você continue a esperar por mim. Estou trabalhando com Thelma numa clínica, de rejuvenescimento. E em outra carta: Eu e Thelma estamos bem juntas, temos um carma semelhante. E de novo escreveu: Nossa guia espiritual acha que o certo para nós é não desistirmos uma da outra. Você ficará bem. Você não está zangado, está?

A filha casada, Hila, escreveu-lhe de Boston, Pai, eu lhe proponho, para o seu bem, que não pressione mamãe. Você vai reconstruir sua vida.

E como entre ele e o primogênito, Eldad, toda ligação havia muito se desfizera, e como além dessa família ele não tinha ninguém próximo, resolvera no ano anterior desmontar o apartamento no Carmel e voltara a morar com a mãe na antiga casa em Tel Ilan, viver do aluguel dos dois apartamentos em Haifa e se dedicar a seu *hobby*.

Foi assim que reconstruiu sua vida, como lhe aconselhara a filha.

Em sua juventude Arie Tselnik servira no comando naval. Desde sua primeira infância não temia nenhum perigo, nem o fogo inimigo nem a escalada de penhascos. Mas com os anos desenvolveu-se nele um agudo pavor do escuro numa casa vazia. Por isso decidira finalmente voltar a morar ao lado da mãe, na velha casa onde nascera e crescera, na extremidade da aldeia de Tel Ilan. A mãe, Rosália, era uma velha com cerca de noventa anos, surda, muito encurvada e de pouca conversa. A maior

parte do tempo ela o deixava cuidar dos assuntos caseiros sem perturbá-lo e quase sem dirigir-lhe observações ou perguntas. Às vezes passava pelo pensamento de Arie Tselnik a possibilidade de que sua mãe adoecesse ou envelhecesse a ponto de não poder mais viver sem cuidados em tempo integral, e ele seria então obrigado a dar-lhe de comer, limpá-la e trocar-lhe as fraldas. Ou contratar uma acompanhante, o que acabaria com o sossego da casa, e faria sua vida ser devassada por estranhos. E até chegava a desejar, ou quase, o iminente falecer de sua mãe: ele teria a justificativa lógica e emocional de transferi-la para uma instituição adequada, e toda a casa ficaria a sua disposição. Se quisesse, poderia viver com uma nova e bonita mulher. Ou não viver com uma mulher, e sim hospedar uma série de garotas jovens. Poderia até derrubar paredes internas e renovar o aspecto da casa. Uma nova vida teria início.

Mas por enquanto viviam os dois, o filho e a mãe, na casa escura, antiquada, em sossego e em silêncio. Toda manhã chegava uma criada, trazendo com ela artigos de primeira necessidade, que comprava de acordo com uma lista; arrumava, limpava e cozinhava, e depois de servir o almoço para o filho e a mãe ia embora silenciosamente. A maior parte do dia a mãe fica em seu quarto lendo livros antigos, e Arie Tselnik, no quarto dele, ouve rádio ou constrói aeromodelos de balsa.

3.

O estranho sorriu de repente um sorriso insidioso, ladino, um sorriso que parecia uma piscadela: como se propusesse a seu anfitrião, Vem, vamos pecar um pouco juntos? E também, ao mesmo tempo, como a temer que essa proposta lhe valesse um castigo. E perguntou, amistosamente:

“Perdão, com sua licença, posso me servir disso um pouco, por favor?”

E, como lhe pareceu que o anfitrião concordara com um aceno de cabeça, de um jarro de vidro que estava sobre a mesa verteu água gelada com uma fatia de limão e algumas folhas de menta no único copo que lá havia — o copo de Arie Tselnik —, colou seus lábios carnudos no copo e o esvaziou todo em cinco ou seis grandes e sonoros goles, e se serviu de mais meio copo que de novo engoliu com uma sede ruidosa e logo se justificou:

“Desculpe! Aqui nesta sua linda varanda não dá para sentir como o dia está quente. Hoje está muito quente. Muito! E, no entanto, apesar do calor intenso — assim mesmo este lugar é encantador! Tel Ilan é sem dúvida a aldeia mais bonita do país! Provence! Não Provence! Toscana! Florestas! Vinhedos! Casas campestres de cem anos atrás, telhados vermelhos e ciprestes tão altos! E agora, o que o senhor acha? Prefere que conversemos mais um pouco sobre essa beleza? Ou me permite entrar sem mais rodeios em nossa pequena pauta?”

Arie Tselnik disse:

“Estou escutando.”

“A família Tselnik, os descendentes de Lion Akbia Tselnik. Se não me engano vocês estavam entre os primeiros moradores da aldeia, não é? Entre os fundadores mais antigos? Não? Há noventa anos? Ou até mesmo quase cem?”

“O nome dele era Akiba Arie, não Lion Akbia.”

“Claro”, entusiasmou-se o visitante, “a família Tselkin. Respeitamos muito a ilustre história de vocês. Não só respeitamos. Reverenciamos! No início, se não me engano, chegaram os dois irmãos mais velhos, Bóris e Semion Tselkin, que vieram de uma pequena aldeia no distrito de Kharkov para erguer uma comunidade totalmente nova aqui, no coração da paisagem selvagem, nas escalvadas montanhas de Menashé. Aqui não havia nada,

apenas uma árida estope de espinheiros. Nem mesmo campone-
ses árabes havia neste vale, só do outro lado das colinas. Depois
veio também o sobrinho mais jovem de Bóris e de Semion, Lion
ou, se você insiste, Akbia-Arie. E depois, pelo menos de acordo
com a versão corrente, Semion e Bóris levantaram acampamento
e voltaram, um após outro, para a Rússia, e lá Bóris matou Semion
com um machado, e só o seu avô, senhor Tselkin — avô? ou o
pai do avô? —, só Lion Akbia teimou em ficar aqui. Não é Akbia?
Akiba? Perdão, Akiba. Resumindo, é o seguinte: acontece por
acaso que nós, os Maftsr, nós também somos da região de Khar-
kov! Exatamente das florestas de Kharkov! Maftsr! O senhor
não ouviu falar? Tínhamos um *chazan** muito conhecido, Shaia
Leib Maftsr, e havia um Gregori Moiseievitch Maftsr, grande
general do Exército Vermelho. Um general muito muito impor-
tante, mas Stálin o matou. Nos expurgos da década de 30.”

O homem levantou-se e encenou com seus dois braços si-
miescos a postura de um fuzileiro num pelotão de fuzilamento,
imitou o matraquear de uma rajada de balas, expondo com isso
incisivos afiados mas não totalmente brancos. E voltou a sentar-se
no banco sorrindo, como que satisfeito com o sucesso da exe-
cução. Arie Tselnik teve a impressão de que o homem talvez
esperasse uma salva de palmas, ou pelo menos um sorriso, em
retribuição ao sorriso adocicado dele.

O anfitrião no entanto preferiu não retribuir sorriso algum.
Ele afastou para um lado o copo usado e o jarro de água gelada
que estavam sobre a mesa e disse:

“Sim?”

O advogado Maftsr então apertou as próprias mãos, empu-
nhando a esquerda com a direita com força, como se há muito
tempo não tivesse se encontrado consigo mesmo e como se esse

* Cantor de sinagoga, em hebraico.

encontro inesperado lhe causasse grande satisfação. Por baixo das abundantes e fluentes palavras de sua boca aflorava, sem parar, um interminável manancial de alegria, uma torrente de euforia e de regozijo consigo mesmo:

“Bem, começemos talvez, como se diz, a pôr as cartas na mesa. A razão pela qual me permitiu invadir seu espaço hoje diz respeito a assuntos pessoais entre nós, e, além disso, talvez também diga respeito a sua querida mamãe, que ela viva até cento e vinte anos... Quer dizer, a essa idosa e muito honorável senhora. Mas, é claro, é claro, somente com a condição de que o senhor não tenha especial oposição a que começemos a tratar desse assunto delicado.”

Arie Tselnik disse:

“Sim.”

O visitante levantou-se de seu lugar, despiu o paletó bege em tom de areia suja, revelando as grandes manchas de suor que se desenhavam na região das axilas de sua camisa branca, pendurou o paletó no encosto da cadeira, voltou a sentar-se, espalhado, e disse:

“Perdão. Espero que não se importe. É que hoje faz muito calor. Permite que eu também tire a gravata?” Por um momento parecia um menino assustado, um menino consciente de que merece uma admoestação e assim mesmo se envergonha de pedir perdão. Mas logo essa expressão desapareceu de seu rosto.

Quando o anfitrião permaneceu calado, o homem, de um só puxão, tirou sua gravata — um movimento que fez Arie Tselnik se lembrar de seu filho Eldad — e propôs:

“Enquanto sua mamãe for um peso para nós aqui, não poderemos realizar o patrimônio.”

“Perdão?”

“Só se encontrarmos para ela uma excelente condição numa instituição muito excelente. E eu tenho uma instituição assim.

Quer dizer, não é minha, mas do irmão do meu sócio. Só precisa ter a anuênciada dela. Ou talvez seja mais fácil nós obtermos um atestado de que fomos nomeados seus tutores. Então não seria necessário ter o consentimento dela.”

Arie Tselnik acenou, anuindo, duas ou três vezes, coçou com as unhas da mão direita as costas da mão esquerda, bem que ultimamente lhe ocorreria meditar uma ou duas vezes sobre o futuro de sua mãe doente, o que seria dela e dele quando ela se tornasse dependente, física e mentalmente, e quando chegaria o momento de tomar uma decisão; havia momentos em que alimentava a possibilidade de se despedir de sua mãe com tristeza e vergonha, mas também havia outros momentos nos quais quase esperava o cada vez mais próximo declínio dela, e as possibilidades que se abririam para ele quando ela saísse da casa. Uma vez quase convidara Iossi Sasson, agente imobiliário, para avaliar a propriedade. Essas sufocadas esperanças despetavam nele sentimentos de culpa e até asco de si mesmo. Mas lhe parecia bizarro que este homem repulsivo pudesse ler algo de seus vergonhosos pensamentos. Pediu, pois, ao senhor Maftsr, que voltasse um instante ao começo — quem exatamente ele representava? Da parte de quem fora enviado para cá?

Wolf Maftsr deu um risinho:

“Maftsr. Chame-me simplesmente Maftsr. Ou Wolf. Pois entre parentes é totalmente desnecessário o tratamento de senhor.”

4.

Arie Tselnik levantou-se. Era um homem muito maior, mais largo e mais alto do que Wolf Maftsr, e seus ombros eram grossos e fortes, mas ambos tinham braços compridos que chegavam

até os joelhos. Ao se levantar deu dois passos, ficou de pé em toda sua estatura, acima do visitante, e disse:

“Então, o que você quer.”

Pronunciou essas palavras sem ponto de interrogação, enquanto abotoava um botão da camisa, cuja abertura deixava ver um peito grisalho e cabeludo.

Wolf Maftsr pipilou numa vozinha pequena, conciliatória:

“Para que nos apressarmos, meu senhor? Nosso assunto deve ser tratado com cuidado e paciência, por todos os ângulos, para que não deixemos nenhuma brecha, nem mesmo uma rachadura; não podemos errar em nenhum detalhe.”

O visitante, para Arie Tselnik, tinha um aspecto depauperado ou um pouco enfraquecido. Parecia que sua pele era grande demais para ele. O paletó negligentemente jogado em seus ombros lhe parecera o paletó de um espantalho no jardim. E seus olhos eram aquosos, e também um pouco opacos. Além disso, algo nele denotava medo, como se temesse uma súbita ofensa.

“Nosso assunto?”

“Quer dizer, o problema da velha senhora. Quer dizer, a senhora sua mãe, nossos bens ainda estão registrados em nome dela e estarão registrados em nome dela até o fim de seus dias, e quem é que sabe o que pode lhe dar na cabeça para pôr no testamento, até que consigamos nós dois sermos nomeados tutores dela.”

“Nós dois?”

“Pode-se demolir esta casa e erguer em seu lugar uma clínica ou uma academia. Podemos abrir aqui um lugar que não existe igual em todo o país: ar puro, um sossego pastoral, uma paisagem campestre que não fica a dever à da Provence e da Toscana, ervas medicinais, massagens, meditação, orientação espiritual, as pessoas pagarão um bom dinheiro pelo que este nosso lugar poderá lhes proporcionar.”

“Perdão, desde quando exatamente nós nos conhecemos?”